

A Flôr da Graça

Em nossas tardes de Maio que ella aos campos floridos corria louca, saltitante a colher formosa, as flores da primavera dessa estação de amor.

Como borboleta trançava, aqui, ali, acolá, pousava um instante colhendo, de entre as mais lindas e mais linda flor, que seus olhos devoradores cubiçavam.

Uma vez, quando eu passava por aquelle caminho aromatico de cores, encontrei-a sósinha a scismar dolente a sombra immensa de uma eira florida.

Como que tímida, envergonhada ao levantar os olhos ternos e pretos, baixou os rapido, . . . rapido mais que o vento, quando me divolvi a contemplar-me meigamente. . .

Era formosa: tinha a graça de uma flor, tinha o sorriso angelico das almas penitentes a Deus, tinha a belleza de um anjo. Seu halito embriagante e odorifero exhalava-se em nuvens ligeiras, muito ligeiras mesmo, aos paramos do Alem.

Com que guerdice se descontrolavam, cahindo bellos sobre o roseo collo innocente e puro, os cabellos pretos e ondulantes?!

Diz-se-lhe que o Anjo da Formatura encarnara-se para sempre. . . senque naquelle corpo mimoso. . .

Tive um leve tremor: agitou-se-me a alma contemplativa, e de mansinho, passo a passo, fui à Virgem que triste meditava e perguntei-lhe branda-

mente: — que sorris, ó anjo innocente, acaso te punge o peito amante e delicado alguma dor que te fez silente sentir uma recordação do teu tempo de outora?

— Ah! Sim; disse-me entreabrindo os labios, os mimosos e seductores labios, deixando vagamente, lindamente, apparecer um gracioso e alvidente fio de perolas muito brancas mesmo.

— Como tu feliz outrora! Alegre, sempre riacha, tendo a meu lado o meu amor pimento eu sentia-me rica, embora pobre; a Ventura brillava dentro de minh'alma hoje tão triste e soffredora.

— Oh! meus bellos e amourosos dias do meu passado bendito, onde a Esperança era o unico espectro que a noite em sonhos de amor me appar eia ditosa, e um futuro divino eu imaginava sorrindo, sorrindo de tudo, escathecendo de mim mesmo.

— Mas ah! Meu senhor, esse ingrato amor sumiu-se e deixou-me sósinha a lamentar-me em doridas recordações.

— Ah! sim, sim; eu soffro e talvez sem um lenitivo para as minhas maguas. . . Agora minha vida é esta; sympathizo as dores, para ellas vivo, e somente a ellas é a quem eu amo neste mundo, onde o Desengano brilha e empenha tanto a nos todos. . .

E assim contou-me a Flôr da Graça, o seu scismar, o seu viver entre flores, ella que era a flor de todas as flores.

CENIA MATIAS

Reminiscencia

Quando à tarde, isolado nas campinas, onde ha perfumes, canticos suaves, borboletas de cores matutinas, lindos borques coloridos como as matas.

Seguia a si, medindo os passos graves, em meio dos arroyos, das collinas, ouvindo aquil e alli trinar as aves, ao murmuro de lymphas crystallinas.

Sentindo então aquelles borborinhos, vinham-me à mente os sonhos de ventura, os arulhos das aves nos seus ninhos.

Hoje, apenas, na dor que me tortura, vejo covos e serpes nos caminhos e além. . . aberta e fria a sepultura!

Das Nymphéas.

FRANCO GARCIA

NINON DE LENCLOS

esvarneia a ruga, que jamais osou manchar-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atrahido sempre os pedacos da sua certidão de baptismo que rasgava a cada do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito verde ainda, via-se obrigar a dizer o velho rubugento, como o raposo de La Fontaine dizia das avas. Este segredo, que a celebre e egoista meior jamais confidava a quem que fosse das pessoas que nella época, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Jussu-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da PARFUMERIE NINON, MAISON LECOSTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.

Esta casa tem no á disposiçao das missas elegantes, sob o nome de VERITABLE EAU DE NINON, assim como as receitas que d'ella provém, por exemplo, o

HUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem altera-la.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da PARFUMERIE NINON contam-se:

LA POUDRE CAPILLUS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE

que augmenta, engrossa e bruma as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivezidade ao olhar.

LA PÂTE ET LA POUDRE MANDERMALE DE NINON

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as omittações e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de príncipe, por meio da Pâte des Prêlats, que embranquece, alisa, assentina a epiderme, impede e destrói as frieiras e os rachos.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua branura primitiva e suas côres lisas por meio do Anti-Bolbos, producto sem igual e muito contrastado.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir a Fleur de Pêche pó de arroz feito com frutos exóticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e cerralos empregando o *Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella*, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes e as gengivas, que se arranque o com o *Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella*.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

Pastilhas e Xarope de Nafé

DELANGRENIER

excellentes peitoraes contra

TOSSE, DEFLUXO, BRONCHITE

As Pastilhas de Nafé são verdadeiros confeitos peitoraes de um gosto delicioso. Acalmam as irritações da garganta e do peito.

O Xarope de Nafé, misturado com uma infusão ou com leite quente, forma uma tisana muito calmante e muito agradável.

Essas peitoraes não contém substancia toxica e podem ser administrados com toda a segurança ás CRIANÇAS e muito particularmente contra a COQUELUÇHE.

Esqilr a marca verdadeira. Delangrenier-Paris

São encontrados em todas as Pharmacias

SUAVIDADE — FRAGRANCIA — DELICADEZA NOVO PERFUME

LE REFLE

CAUTELA COM AS IMITACÕES

Incarnat

PARIS

IPIVER



DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES



ST. JEAN DE LA CROIX

Por sua notavel concentracão das plantas as mais nobres e as mais salutarias, a

AGUA DE MÉLISSE



SAINTE THÉRÈSE

BOYER CARMELITAS BOYER

Unico Succesor dos Carmelitas

obra de um modo prompto e absoluto nos casos de Ataques de Nervos, Apoplexia, Paralysis, os Vertigens, as Syncopes, as Indigestões; nos tempos de Epidemia, Dysenteria, Cholera-Morbo, Febres, etc.

Uma pequena colherada pura ou sobre um pedaco de assucar.

DESCONFIAR DAS FALSIFICAÇÕES

A AVAREZA NA INDIA

O que se segue é extrahido de um interessante artigo publicado no *Times*, por M. Arnold Boscowitz. Começa assim:

«Pode-se avaliar em 30 bilhões de francos, pouco mais ou menos, o valor total do ouro produzido nos dois mundos, desde a descoberta da America. Grande parte, coisa curiosa, d'essa onda de ouro que ha quatro seculos tem mudado a terra, se encontra hoje na India, mais escondida debaixo do solo, do que ou-tora na sua richa matriz! O valor do ouro importado na India, durante 60 annos, pouco mais ou menos, isto é, desde 1837 ate 1898, excede de 3 bilhões e 634 mil-lhões de francos ao do ouro exportado.

O solo da India absorve on-das de ouro, como a areia dos desertos bebe a agua dos gran-des rios. Quã do se pensa que este trabalho de absorção dura sem interrupção ha uns 10 se-culos, e que se perpetua ainda as nossas vistas, forma-se facil-mente idéa dos immensos the-souros escondidos nesse paiz.

Todo este ouro é esteril, e, portanto, perdido.

Seria erro suppor que en-trou na circulação ou que passou para as mãos dos ourives indigenas. Dispersos por innumera-veis escondijos, jamais saliri d'elles.

Até a occupação pelos ing-lezes a propriedade individual na India não tinha segurança alguma. O paiz estava sujeito a continuos saques das tribus a rivaes, que se degladiavam e entravam nas povoações inimigas, devastando-as.

Para livrarem seus haveres, os principes, os grandes e hu-mildes, adquiriram o costume de occultar em thesouros debaixo da terra, tanto o seu dinheiro como suas joias e outros valores. Este habito inveterou-se e tor-nou-se hereditario, de tal modo, que ainda hoje procedem como nos antigos tempos de invasões e de saques.

Calcula-se que na India ha bilhões e bilhões de ouro accumulados em thesouros escondi-dos, sobretudo em pedras, que datam de muitos seculos.

«Neste paiz distante, diz M. Boscowitz, os humildes, os pequenos, os indigentes, os po-bres, finalmente, todos, uns e outros, aqui ali, em qualquer logar seguro, em algum escondijo profundo, cada um vai metter seu minusculo thesouro, que vigia, que augmenta, no qual não toca jamais, e em pro-veito do qual arrosta com a ló-me, a vergonha e até com a morte.»

Os grandes e sobeitos fa-zem o mesmo, e são insaciaveis no accumular das riquezas.

Não cessam de empilhar moedas de ouro delixo das abobadas dos castellos fortifi-cados, as quaes se vão accumu-lando cada vez mais, de geração em geração, de seculo para se-culo.

O autor do artigo recorda um facto curioso passado com o maharajah de Sindhi.

Este reclamou do governo Britanico, a restituição da for-taleza de Gwahor. Tanto insis-tiu, supplicou e intrigou, que venceu a sua demanda.

As autoridades britannicas desconfiaram, é verdade, de tao grande empenho, porque a ci-dadella não era nenhum logar sagrado, como muitas cidades santas da India, mas não atinaram, com a verdadeira causa da afflicção do maharajah, que parecia morrer de dor, se não lhe restituisssem a sua querida fortaleza.

Manifestava por ella um culto quasi divino, e acreditar-se-hia, com effeito, que nella existia occulta qualquer divindade, de quem o maharajah era muito devoto e que não queria que ficassem em poder de estrangeiros.

Na verdade descobriu-se recentemente que ali se encontrava encerrado um deus adorado por toda a humanidade, o hezerro de ouro, cujo culto ainda não cessou e não se sabe quando cessará entre os povos mais civilizados.

Tudo em sua mente lhe erigem altare, e o ado-rar fervorosamente.

Na cidadella de Gwahor estava guardada a grande somma de um bilhão e 500 milhões de francos em moe-da de ouro!

A entrada para o subterraneo onde estava depo-sitada tao grande fortuna, fora murada com tanta arte, que era impossivel dar-se com o escondijo, a não ser quem não estivesse iniciado no segredo.

O subterraneo está aberto na richa, que serve de aliecerre á fortaleza!

Diz-se que ha em Bombaim 200 milhões de fran-cos em soberanos de ouro com a effigie do deagão adorado da India e na China, e os quaes os indigenas guardam como reliquias sagradas.

E afirma M. Boscowitz que os proprios subter-raneos dos templos regorgitam de ouro, nos quaes só os padres toem accesso.

As nossas gravuras

As primeiras cerejas

QUADRO DE THEO GUER

Appareceram as primeiras cerejas maduras. Este é um acontecimento sempre grato aos habitantes da Europa e muito principalmente ás creanças para as quaes o apparecimento das cerejas constitue um verdadeiro dia de festa. O quadro representa uma manceira que tem a ven tura de colher as primeiras fructas no pomar. A sua physionomia traduz bem clara-mente a satisfação de que se acha possuida e os seus ha-bitos parecem ante-gosar o sabor dos fructos appetecidos. Bom appetite.

Companheiros de brinde.

QUADRO DE THEO GUER ELM GLEMANN

Quanta naturalidade no bello quadro. Ah! vemos reunidos em torno da innocencia os animaes domesti-cos sem o menor receio de que se lhes faça mal algum.

Pois não sabem as cabras que o seu companheiro vem repartir com ellas o torrão de assucar ou o pedaco de pão que lhe deram?

Por acaso os coelhos ignoram que elle lhes traz alguma folha de couve ou de alface? Assim tambem os pombos e os demais passatinhos não fogem á sua companhia, porque a elles tambem caberá alguma cou-sa, algumas migalhas de pão, alguns grãos de aveio: trigo ou arroz.

Eis porque todos logo que o veem em torno delle se agrupam e com elle fazem boa camaradagem.

MARIA

AO

ALFREDO AZAMON

1

Foi um dia fatal aquelle! Dois de novembro — data tenebrosa para o infeliz poeta Jonas de?...

Leonor, sua esposa e posta de um mez apenas, morrera repentinamente! O coração do trovador estava coberto de crepe!

III

Nunca physionomia alguma mostrara tanta dor estampada como a do cantor enlutado!

Não chotava — era uma estatua — estatua do pezar, do sofrimento!

IV

Quando o enterro sahia, elle pudera articular estas palavras: — Maria! morta! Deus! Como sou infeliz!...

V

Depois... uma gargalhada horrivel, phantastica se evadira dos labios do poeta!

Lonco — disseram os seus amigos francamente emocionados!



AS PRIMEIRAS CERÉJAS

Ao chamado dos deuses, pela bocca dos seus pa-dres, elle ahí afflue docilmente de todas as partes; e ahí se accumula, partilhando com os deuses do in-censo e das homenagens que os humanos lhes ren-dem

Ferreira de Araujo

Aos nossos illustres collegas da *Gazeta de No-ticiuns* enviamos sinceras condolencias pelo falle-cimento do emittente brasileiro Dr. Jose Ferreira de Souza Araujo, fundador e redactor chefe da-quella folha, e uma das glorias mais legitimadas do jornalismo brasileiro.

VI

No cemiterio D... um joven recitava versos ao pé de um túmulo!

Era o poeta, que, apesar de doído, decantava na sua lyra chorosa o corpo da sua amada, corpo inerte, sempre inerte!

S. Paulo — 1900.

ARTHUR GOULART.

Resignado

D'essa face querida
O divino matiz
Adorar foi, na vida,
Meu destino infeliz.

D'esses labios de rosa
O suave frescor
A chiméra formosa
E' do men triste amor.
Se do mundo me isola
Uma duvida atroz
Minha angustia consola
Tua mimosa voz.

Quando o gelo da morte
Os meus labios cerrar...
Bem direi inda a sorte
Vendo o teu meigo olhar!

Niteroy : 1900.

A. AZAMOR.

- X O O O O X -

PRECE

Escrepta após a leitura
da poesia «A minha mãe»,
inserta no «Interludio»,
de Eugenio de Castro.

Santa Maria, doce e bondosa,
Trago meus filhos ao teu altar ;
Lança sobre elles, Mãe piedosa,
A luz bendita do teu olhar!

Dizem alguns, Virgem Maria,
Que a vida é triste, que tem horrores,
Que para elles, oh! mais valia
Dormir na cova cheia de flores ;

Que os mimosos, frageis pésinhos,
Que eu me canço, não, de os beijar,
Encontrarão sómente espinhos
Pelas veredas que vão trilhar ;

Que só revezes, duros pezares,
E' que lhes guarda o mundo, a sorte ;
Que hão de sulcar sombrios mares
Sem um pharol, sem guia ou norte.

Por isso, oh! Mãe trago-os agora,
Junto ao refugio do teu olhar ;
Silvem serpentes em torno, embora,
Ha de amparal os o teu olhar.

Vê que são lindos, têm a candura
Do teu divino, loiro Senhor,
Olha os, nos olhos igual doçura,
Nos labios — risos feitos de amor.

*

E hei de querer, Virgem das Dores,
Que a morte os leve, torva, sombria ?
Hei de querer que os meus amores
Durmam para sempre na cova fria ?

Se os abrigares nas carinhosas
Dobras do manto do teu amor,
Não terei medo das tormentosas
Luctas da vida cheias de dor.

Não terei medo, não, das ciladas
Que os maus, os torpes, põem em armadas ;
As tuas mãos puras, sagradas,
De mil perigos hão de os salvar !

.....
.....

Fis os meus filhos, Mãe piedosa,
Da lhes o abrigo do teu amor.
Livia os Sculhora da tormenta
Noite do crime, noite de li torto.

1899. — 100.

ALBA NOGUEIRA BAPTISTA.

Na matta virgem do Turvo

Município da cidade do Serro

Mimas ao descambar do dia

O vento passou e as suas auras fogueiras
Murmuram baixinho — o dia morren !
E as aves perpassam pindo agouzeiras
E aos ais da sandale men peito gemen !

Do AUTOR.

A noite veio, sobre a matta desce,
Fimou se o dia ; se ennegrece a serra.
O colmo agreste — minha pobre choça —
Se envolve em sombra que tristeza encerra :

A cruz do monte solitaria avulta,
Soltu o vento no gradil florido,
Traduz quem sabe ? secular mysterio
Do viandante que ali tombou ferido !

Mudez impera da montanha ao cimo
Pesadas nuvens ao chegar pararam,
Da vida o astro nas longiquas plagas
Sumiu-se, e as trevas sobre nos ficaram.

Somente echoam n'esta matta agora
Rumores vagos de nocturnos entes.
E vindo o vento dos froados galhos
Ouvem-se gritos muita vez plangentes !

E da coruja pavorosa, triste,
A voz de agouro no hervalho viçoso ;
A luz errante de milhões de insectos
Das rãs a orchestra em tremedal lodoso :

E' dubio, incerto, indefinido ás vezes,
Igual nos bailes ao rumor das vestes
La nos fans d'arco o bulhar pausado
Do vento ao sopro no coqueiral agreste !

Oh! que tristeza!... D'esta matta á sombra
Meu peito obumbra, coração e mente!...
Se toco as cordas de minha harpa soam
Soluços ternos de chorar dolente !

A nevoa desce a pisar nos ramos
Por entre as folhas perpassando fria ;
Nem luz, nem astro n'este manto espesso
E se abyssa a aldeia na melancholia.

D'ave errante julgo ouvir gemido,
Suspira a matta como fugaz recelo,
O riacho entoa uma nenha breve,
A fonte chora de sentido enleio !

N'esta hora en sinto muita dor no peito.
Só eu o entendo porque sou cantor ;
Suspiro ainda pela Mãe querida,
Mesto supposto um cruel langor !

O' Deus bondoso, meu rogar escuta !
Dá-me um soccorro, minha Virgem Santa!
Affaga, ó Deus, o meu peito triste,
Dá lenitivo a minha magoa tanta!

Março de 1898 no Arraial do Turvo ao pé de uma
matta virgem.

PADRE THEOPHILO VIEIRA DE ANDRADE



Secção Musical da "A ESTAÇÃO"

Com o proximo numero de 15 de Setembro será publicada a valsa para piano com o titulo «ESMERALDA».

Recomendamos ás nossas prezadas assignantes esta linda composição que nos foi gentilmente offerta pela distincta amadora a Exm. Sr. D. Marizinha Laza y Guerreiro, podemos asseverar que será muito apreciada.

A REDAÇÃO.

CHRONIQUETA

Rio, 24 de Agosto de 1900

Nestes ultimos dias o assumpto obrigado de todas as conversas tem sido dous mortos, dous grandes mortos, — Eça de Queiroz e Ferreira de Araujo.

Não creio que nenhuma das minhas leitoras desconheça a obra do grande romanista portuguez, exclusão feita do *Primo Basilio* e do *Cyme da Padre Amaro*, que pertencem a uma litteratura pouco recommendavel as senhoras.

Estou certo de que leram o *Mammaria*, a *Reliquia*, os *Mãos*, os capitulos da *Theatros* de *Ramires* publicados na ephemera *Revista moderna*, as *Farfás*, escriptas com Ramalho Ortigão, as chronicas da *Gazeta de Noticias*, os contos e os artigos esparcos nas folhas portuguezas, etc.

Se, como presumo, leram tudo isso, comprehenderão o embaraço em que me vejo para tratar, nestas linhas ligeiras e fugitivas, desse escriptor incomparavel, que era o primeiro do seu paiz, e seria uma celebridade universal se não houvesse escripto em lingua portugueza, neste mysterioso e ignorado idioma a que já chamaram o tumulo do pensamento.

Eça de Queiroz pertence a grande categoria dos Herculanos, dos Garretts, dos Camillos, e outros — poucos mais que foram neste seculo os continuadores gloriosos dos celebrados classicos portuguezes. Os posterios hão de tel-o com a mesma veneração e a mesma delicia com que lemos os sermões e as cartas de Antonio Vieira, ou as pedrosas e inelavies historietas de Manoel Bernardes.

Os escriptos de Eça de Queiroz são modelos de estilo, de graça, de observação, de talento. Elle não escrevia uma linha em que não transparecesse a sua individualidade litteraria. Tudo quanto lhe sabia das mãos tinha um admiravel requinte de forma, que encantava, que extasiava. Os seus artigos mais esticados pareciam laconicos, os seus livros mais volumosos eram lidos de um trago.

De uma psychologia assombrosa, os personagens dos seus romances palpitam eternamente na imaginação dos leitores, e tornão-se eternamente respeitado o nome de Eça de Queiroz.

Comquanto fosse ha muito tempo esperada a morte de Ferreira de Araujo causou em todo o paiz a sensação mais dolorosa.

Não venho fazer o elogio desse jornalista excepcional, que sabia vibrar todas as cordas deste complicadissimo instrumento. — a imprensa — e arrancava lagrimas ou gargalhadas com o mesmo talento, e

fazia pensar com a mesma facilidade com que fazia rir.

O seu elogio está em todos os jornaes, em todos os labios, em todos os coraçãoes para que repetirão aqui? Demais, para dizer alguma coisa sobre a individualidade desse fluminense illustre, seria preciso um espaço de que não disponho na *Estação*.

O sen entero foi mais do que uma simples manifestação: foi uma apothose — e essa apothose não precisa dos fogos de bengala de

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

Rio, 24 de Agosto de 1900.

Os horizontes da companhia lyrica Sansone, um tanto toldados por uma representação infeliz da *Aida*, esclareceram-se depois da *Mignon*, com uma encantadora estreia: a prima-dona Livia Berlendi, no papel da protagonista, e ainda mais claros ficaram depois da estreia do grande tenor De Marchi na *Carman*. E ainda falta estreiar-se a Carelli.

Agora o exito parece seguro. Espera-se que a companhia faça a temporada até o fim, sem provocar o mais leve protesto.

Os bilhetes são caros, mas, que diabo! os artistas são bons, e a orchestra, dirigida pelo illustre Mascheroni, é incomparavel: — que mais quer o publico? ...

As operas até hoje cantadas tem sido: *Tannhäuser*, que foi um successo para o barytono Carrusson; *Mamou Lescaul*, que foi um successo para a orchestra; *Aida*, que foi um successo para o tenor Ceppi; *Mignon*, que foi um successo para a prima-dona Livia Berlendi, e *Carman*, que foi um grande successo para o tenor De Marchi.

Fizemos votos para que continue a serie dos successos.

No Lucinda tivemos uma comedia de Feydeau, o *Arava*, da qual não é heito tratar n'um periodico destinado ao bello sexo. E peça para homens.

A companhia Taveira det-nos, no Apollo, menos mal representada mas detestavelmente cantada, uma opereta, quasi uma opera-comica, de Lecocq, a *Modicidade de Ali Babá*.

A partitura tem numeros interessantes, mas decididamente Lecocq já não é o mesmo da *Madame Angot*, essa obra-prima que figurara na historia da musica franceza e mo o modelo de um genero.

O libretto de Bu-mael e Vanloo, que o extrahiram do *Alfombra* dos irmãos Cogniard, tantas vezes representado no Rio de Janeiro, não é mal feito e tem graça.

O publico, entretanto, não mostrou grande entusiasmo pela peça, que já hoje será substituida por uma revista portugueza intitulada *Al... a preta*. O titulo e espiritoso.

A actriz Pepa reapareceu no Recreio, desempenhando os desoiito papeis do *Tim-tim por tim-tim*, e com ella reapareceram tambem os actores Machado e Brandão, o popularissimo.

O publico tem comparecido e applaudido. Preparam-se representações do *Rio Niú* e da *Capital Federal*.

X. Y. Z.

EXERCICIOS DE GRAMMATICA

Analyse Lexicologica e Syntactica

Um Amigo da Instrucção

Curso Primario — Livro do Discipulo... 2\$000
 Curso Secundario — Livro do Discipulo... 3\$500
 Curso Primario — Livro do Mestre... 8\$000
 Pelo correio mais 500 rs.

Rua dos Ourives, 7—Rio de Janeiro

ULTIMAS NOVIDADES MUSICAES

Grande estabelecimento de pianos e musica

Fertim de Vaseanellos, Morand & C.

147, Rua do Ouvidor, 147

- Polkas**
- Brincando, por H. Dias... 1,0 0
- Vai sabindo, por A. Keller... 1\$000
- Tangos**
- Su de mão, por E. Telles... 1\$0 0
- Ferrage, por E. Telles... 1\$000
- Tango do pianista, por Costa Junior... 1\$000
- Valsas**
- Tristeza d'alma, por Marius... 1\$0 0
- Dolente, por Carl S. Marquis... 1\$000
- Tragabalas com letra, por Costa Junior... 1\$0 0
- Amor que mata, por J. G. Christo... 1\$0 0
- Desprenciosa, por J. G. Christo... 1\$500
- Elegante, por A. Cavalcanti... 1\$500
- Licéa, por A. Nunes... 1\$ 00
- Licéa, por Evora Filho... 1\$5 0
- Meus oito annos, por O. Carneiro... 1\$500
- O teu olhar me seduz, por Evora Filho... 1\$500
- Schottisch**
- Alzira, por Campos Junior... 1\$000
- Guanabara, por I. Madeira... 1\$ 00
- Grinalda de noiva, por Evora Filho... 1\$000
- Primeiro Amor, por E. Telles... 1\$000
- Quadrilhas**
- Borb letas, por E. Couto... 1\$000
- Recordações da infancia, por J. M. Lacerda... 1\$500

Remettem-se encomendas para o interior juntamente com o **brinde** mensal que a casa oferece.

147, RUA DO OUVIDOR, 147

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em q e se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

KAROPE DELABARRE (DENTIÇÃO)

Karope sem narcotico recommendado ha já 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita as fezes, ossoas, os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Esija-se o **Carimbo official** e a assignatura Delabarre.

FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

PAPEL E CIGARROS ANTI-ASTHMATICOS de B'n BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da **ASTHMA**, das **OPPRESSÕES**, das **ENXAQUECAS**, etc. 16 ANOS DE SUCCESSOS.

FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris e em todas as pharmacias.

NUNCA APPLIQUE-SE UM VESICATORIO SEM SE TER O VESICATORIO DE ALBESPEYRES

o MAIS EFFICAZ e MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS. Esija-se a Assignatura **ALBESPEYRES** no LAUDO VERDE. FUMOUEZ-ALBESPEYRES, 78, Faub. St-Denis, PARIS e em todas as PHARMACIAS.



CRÈME SIMON

PARA **COISU VAR OU DAR ao rosto FRESCURA MACIEZA MOCIDADE.**

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓZ** de Arroz **SIMON** e o **SABONETE** Crème Simon, preparados com glicyrena, a sua acción benéfica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS

PHARMACIAS, PERFUMERIAS e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.